

Enquadramentos sociossemióticos em notícias sobre enchentes: a construção de vínculos com o receptor¹

Jane M. Mazzarino²

Vinícius dos Santos Flôres³

Resumo: O objetivo geral do artigo é analisar as práticas ambientais do campo jornalístico, identificando marcas de inclusão do receptor nas ofertas de notícias, tomando-se como objeto de estudo a cobertura dadas às enchentes que assolararam o Rio Grande do Sul em 22 de julho de 2011. Para isso comparam-se os discursos jornalísticos publicados nos diários estaduais, Zero Hora e Correio do Povo, e em dois jornais que circulam na região do Vale do Taquari, O Informativo do Vale e A Hora do Vale. A pesquisa é qualitativa, de cunho pesquisa bibliográfico e documental. O tratamento de dados foi realizado por meio da análise de discurso da vertente sociossemiótica. Concluiu-se que apesar da identificação de alguns elementos de inclusão do receptor nas ofertas de notícias, eles mostram-se resultado de um fazer intuitivo.

Palavras-Chave: Jornalismo ambiental. Recursos hídricos. Jornais impressos. Sociossemiótica.

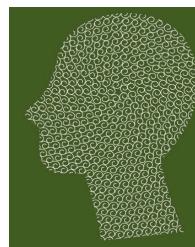
1. Introdução

O objetivo geral do artigo é analisar as práticas ambientais do campo jornalístico, identificando marcas de inclusão do receptor nas ofertas de notícias, tomando-se como objeto de estudo a cobertura dadas às enchentes que assolararam o Rio Grande do Sul em 22 de julho de 2011. Para isso comparam-se os discursos jornalísticos publicados nos diários estaduais, Zero Hora e

1 Este estudo está vinculado ao Grupo de Pesquisa CNPq Práticas Ambientais, Comunicação, Educação e Cidadania - Univates e conta com o apoio financeiro da Fundação de Apoio à Pesquisa do Rio Grande do Sul (Fapergs).

2 Doutora em Ciências da Comunicação (Unisinos), professora do PPG Ambiente e Desenvolvimento e dos Cursos de Comunicação Social do Centro Universitário Univates. E-mail: janemazzarino@gmail.com.

3 Graduando de Jornalismo no Centro Universitário Univates, bolsista de Iniciação Científica Fapergs. E-mail: vinidsf@gmail.com.



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

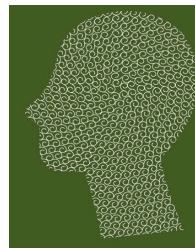
Correio do Povo, e em dois jornais que circulam na região do Vale do Taquari, O Informativo do Vale e A Hora do Vale. O estudo foi motivado pela observação dos autores sobre a ênfase que estes veículos deram a acontecimentos catastróficos na abordagem do tema recursos hídricos (MAZZARINO e FLÔRES, 2012). Assim, buscou-se por meio deste recorte, aprofundar a compreensão do processo de midiatização por meio da abordagem discursiva.

A pesquisa é qualitativa, de cunho pesquisa bibliográfico e documental. O tratamento de dados foi realizado por meio da análise de discurso da vertente sociossemiótica. Segundo Verón (2004, p. 159), “Uma superfície discursiva é uma rede de relações assumidas por marcas. Essas marcas são descritas como traços de operações discursivas”, os quais podem ser analisados enquanto pacotes de marcas linguísticas, que constituem unidades significantes não-homogêneas, como é o caso do texto jornalístico acompanhado por imagens.

Na análise dos discursos jornalísticos sobre os temas ambientais procuram-se traços e operações, marcas, relações e posições assumidas pelos produtores de sentido que trabalham para ofertá-los a partir de processos de midiatização, o que possibilitou identificar desvios e diferenças entre diferentes abordagens dos veículos. A abordagem comparativa, é “[...] o princípio de base da análise dos discursos” (VERÓN, 2004, p. 62). Tomando esta premissa como base, comparam-se o foco das manchetes, o uso de imagens e legendas, fontes e o enquadramento geral da notícia para se verificar de que forma o receptor foi incluído na notícia como parte do acontecimento.

2. Enquadramentos sociossemióticos

Quando o campo midiático assume um papel central no mundo globalizado, um lugar de atravessamento de discursos oriundos de outros campos, precisamos estar cientes que a construção social que faz da temática ambiental agenda a sociedade. Os acontecimentos que serão notícia são selecionados via critérios de notícia (*gatekeeper*) e enquadrados (*framing*) para participar da agenda (*agenda setting*) ofertada diariamente pelo campo jornalístico para a sociedade. Os temas que participam da agenda do campo jornalístico tendem a ser vistos com relevância pelos receptores, os quais muitas vezes não têm outras fontes de informação, especialmente em se tratando de acontecimentos pouco próximos, caso dos nacionais e globais. Assim, os temas selecionados e os modos de enquadramento agendam a discussão pública e os pontos de vista sociais.



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

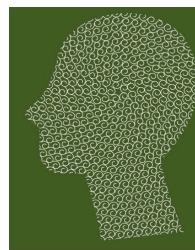
29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Como todo discurso, o midiático é intencional, relacional, sedutor, buscam capturar os sentidos do receptor (mesmo que sem garantias) e criar sentidos de verdade para a realidade. Como dispositivo essencial da discursividade nas sociedades modernas, o campo midiático garante uma mediação social generalizada, de todos os campos sociais entre si. Para Esteves (2003a, 2003b), a estreita relação entre opinião pública e campo midiático resulta em mutações estruturais nas sociedades modernas, que conferem importância extraordinária aos processos simbólicos de mediação social. Esta relação é atravessada por contradições própria da mídia, que repercutem na opinião pública.

Devido à consolidação da legitimidade do campo midiático, reconhecido em sua competência para selecionar e distribuir informação em escala ampla no tecido social, ele oferece-se, contemporaneamente, como lugar para um novo tipo de reflexão sobre os sujeitos e suas formas de organização (RODRIGUES, 1994).

Os acontecimentos são tornados significativos pelos mídias quando inseridos num contexto social que os enquadrem em significados familiares ao público, o que constitui um processo de identificação e de contextualização. Tornar um acontecimento inteligível para o público é enquadrá-lo em mapas socioculturais compartilhados, portanto é um processo sociossemiótico de produção. O processo de significação pressupõe consensos socioculturais, ou seja, partilhas simbólicas. Para Hall, os mídias estão entre as instituições cujas práticas estão de forma mais ampla baseadas no consenso.

“[...] Um acontecimento só faz sentido se se puder colocar num âmbito de conhecidas identificações sociais e culturais [...]. Se os jornalistas não dispusessem – mesmo de forma rotineira – de tais mapas culturais do mundo social, não poderiam dar sentido aos acontecimentos invulgares, inesperados e imprevisíveis que constituem o conteúdo básico do que é noticiável [...]. As coisas são noticiáveis porque elas representam a volubilidade, a imprevisibilidade e a natureza conflituosa do mundo. Mas não se deve permitir que tais acontecimentos permaneçam no limbo da desordem – devem ser trazidos aos horizontes do significativo... o processo de significação – dando significados sociais aos acontecimentos – tanto assume como ajuda a construir a sociedade como um ‘consenso’. Existimos como membros de uma sociedade porque – é suposto – partilhamos uma quantidade comum de conhecimentos culturais com os nossos semelhantes [...]” (HALL, *et al* etc. 1999, p.



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

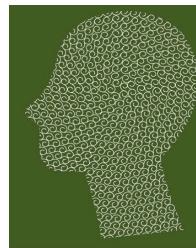
224).

Ao interpretar um acontecimento e enquadrá-lo via valores-notícia em um produto do campo jornalístico, o profissional o faz a partir de consensos socioculturais da vida quotidiana. Utiliza-se de explicações, imagens e discursos que se articulam com o saber da sociedade. Assim, os mídias desempenham um papel importante na reprodução das ideologias, quando se apropriam ativamente dos discursos das fontes, transformando-os, enquadrando-os (HALL, 1999).

O conceito de enquadramento é aplicado por Erving Goffman à forma como se organiza a vida quotidiana para que se compreenda e responda às situações sociais. Quando aplicado ao estudo das notícias refere-se a um dispositivo interpretativo que estabelece os princípios de seleção e ênfases na elaboração da notícia, na construção da “estória”. Para Gitlin, os enquadramentos midiáticos são padrões de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, que persistem e através dos quais os manipuladores de símbolos organizam rotineiramente os discursos verbais e visuais. Os enquadramentos são implícitos, estão “naturalizados”. Segundo Gamson e Modigliani, os enquadramentos são transmitidos por cinco dispositivos: as metáforas, os exemplos históricos, as citações curtas, as descrições e as imagens (filme, fotografia, caricaturas). Para identificar um enquadramento, o conteúdo informativo é menos importante que o comentário interpretativo que o rodeia, presentes nas metáforas, chavões e outros dispositivos simbólicos que constituem uma forma rápida de sugerir a narrativa subjacente. Estes dispositivos fornecem a ponte retórica pela qual se estabelece um contexto e uma relação entre vários pedaços de informação. O poder do jornalismo reside principalmente na forma como “enquadra” as situações, construindo as “estórias” cotidianas (*apud* TRAQUINA, 2000).

A partir destes pressupostos, busca-se compreender de que modo os jornais Zero Hora e Correio do Povo se utilizam dos elementos constitutivos das notícias para enquadrar o tema das enchentes e quais marcas possibilitam identificar a presença do receptor no acontecimento.

A fiação de sentidos realizada pelo campo jornalístico a partir de relatos sociais, ofertas simbólicas e materiais se misturam e vão fazendo sentido para os cidadãos, emergindo daí novos valores sociais, a partir dos quais surgem os padrões de vida que dão suporte ao funcionamento da sociedade contemporânea.



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

3. Descrição do espaço destinado à cobertura da enchente

As análises dos jornais são apresentadas neste capítulo a partir de uma descrição da cobertura das enchentes em cada veículo, para depois se abordar o uso de imagens e legendas, fontes, manchetes, locais escolhidos pra construir o relato, enquadramento e inclusão do receptor como parte do acontecimento. A descrição inicia pelos jornais estaduais, seguida pelos regionais.

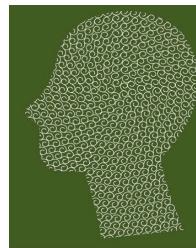
a) Zero Hora

O veículo destina 3 páginas para o acontecimento (4, 5 e 6), reunidas em uma Reportagem Especial. A matéria principal “O Drama se alastra Rios devem subir e agravar a enchente” foca o número de desabrigados (10 mil) e afetados (51 mil), apontando para a perspectiva de piora do quadro com mais águas chegando aos vales das partes altas do Estado. Há ainda informações das diferentes regiões do Estado atingidas pelas enchentes (vales e área metropolitana) e o relato de uma moradora. A diagramação explora espaços em branco e notinhas sobre afetados, desalojados e desabrigados; previsão meteorológica e dados de uma crônica da enchente anterior.

Na página seguinte um infográfico representa o nível da água dos principais rios e municípios afetados, identificando o momento de alerta. Outro infográfico realiza um “mapa da chuva” apontando o volume no mês de julho nas diferentes regiões do Estado. Há ainda uma matéria “Morte e estrago no rastro da chuva”, que dá continuidade ao relato da página anterior sobre acontecimentos considerados mais marcantes nos diferentes municípios atingidos, sem um padrão entre os relatos.

Na terceira e última página o título da matéria principal é “O drama dos flagelados”. Novamente a palavra drama surge. A matéria ainda ressalta em sua primeira linha: “As enchentes espalharam dramas pelo Estado ontem”. O relato mescla as histórias dos flagelados com informações sobre nível do rio, situação dos municípios e decisões tomadas. Uma delas refere-se às rodovias e dá o título da última matéria: “Chuva bloqueia 15 vias”. Esta matéria é acompanhada por um Box sobre as 15 estradas afetadas e se o bloqueio em cada uma é total ou parcial.

b) Correio do Povo



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

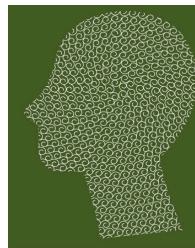
O tema está distribuído em 8 páginas (da 16 a 23), perpassando 3 editorias: Rural (1 página), Cidades (5 páginas) e Geral (2 páginas). Na página 16 (Rural) a matéria “Chuva alaga pomares e prejudica lavouras” foca os reflexos da enchente na produção de hortifrutigranjeiros.

Na página 17 (Cidades) há 5 matérias, sendo 3 notas: “Chuva forte no Alto Uruguai” informa o volume da chuvas. “Montenegro articula ações” é sobre estratégias da Defesa Civil e do poder público para remoção de famílias. “Gramado registra novos deslizamentos” trata da situação dos bairros daquele município. As matérias maiores são intituladas “Em SC, região serrana é atingida” que trata de casas danificadas, ventos e volume de chuvas. E a matéria principal intitulada “Chuvas desalojam no Paranhamma Parte dos municípios da região já declararam situação de emergência Mais de 500 famílias foram desalojadas em Igrejinha” trata da remoção de famílias em 5 municípios atingidos pelo Rio Paranhamma.

Na página 18 há 3 matérias. A principal “Invasão das águas no Vale do Rio Caí Nível do Rio chegou a 14,7 metros nessa quinta-feira” salienta o número de moradores atingidos, desalojados e em abrigos. A outra matéria “Santa Tereza Moradores deixam áreas de risco” trata da remoção de famílias no município e áreas atingidas. A terceira matéria tem como manchete “Santo Augusto Trabalhador rural morreu afogado” e relata o fato sob a ótica do patrão.

Na página 19 há 2 matérias. “Rio Taquari em 26,45m Cheia já desabriga 951 famílias na região” foca o volume das águas, número de desabrigados, assistência dada a eles e lugares atingidos. A segunda matéria “Itá SC Usinas não retém excesso de água” trata da abertura de comportas nas três maiores barragens da região norte de Santa Catarina.

Na página 20 há quatro matérias, sendo duas notas. A primeira “Curiosos atrapalham trânsito na BR 116” informa que motoristas param ou andam lentamente para observar invasão da água que está próxima da estrada. A segunda nota “Barro e pedras deixam famílias em perigo” refere-se a deslizamentos e residência interditadas. A matéria principal “Alerta é reforçado no Vale dos Sinos Defesa Civil está de prontidão em NH e SL” trata do preparo da Defesa Civil de Novo Hamburgo e São Leopoldo para socorrer famílias diante do crescente volume das águas. A segunda matéria “Passo Fundo Interditadas quatro moradias” informa sobre a remoção de famílias em casas com risco de desabamento e o volume das águas.



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Na página 21 há duas notas e uma matéria principal. A primeira “Em Campo Bom, rio subia 2cm por hora” conta que o aumento do volume das águas era informado à população por meio de carro de som. A segunda nota “Rio Várzea sobe e atinge 9m” informa sobre a ponte que chegou a ser interditada devido à situação. A matéria principal “Porto Mauá Afluente do Uruguai invade estradas Município da região Nordeste se prepara para a terceira cheia do ano” informa o nível de água, que há pontes submersas e a suspensão da travessia por balsa.

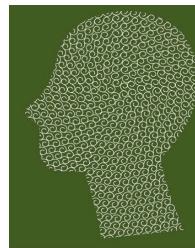
Na página 22 (Geral) há 3 notas e 3 matérias. A primeira “Tempo melhora hoje” foca a situação no Estado. A segunda “Chuva supera média” é sobre o volume de chuva em Porto Alegre e áreas atingidas. A outra “Faltou luz em vários pontos do RS” informa sobre a falta de energia principalmente no Vale do Caí. A primeira matéria “Ainda há risco de cheias no Estado Segundo Metsul, afluentes do Guaíba terão elevação no fim de semana” salienta a situação dos rios que desaguam no Guaíba e a possibilidade de aumento de suas águas, causando cheia. A segunda matéria “Bairros ficam alagados em Canoas” informa sobre a situação de alguns locais do município e as ações da prefeitura e da Defesa Civil.

Na página 23 há uma matéria e uma nota. A nota “Emergência em 3 cidades” informa sobre decretos de situação de emergência e possibilidades de outros municípios chegarem a esta situação. A matéria “Chuva afeta as rodovias Ao menos 18 estradas ficaram prejudicadas” informa sobre a situação e os cuidados necessários por parte dos motoristas.

c) O Informativo do Vale

As matérias estão articuladas como Especial e ocupam 7 páginas do jornal, incluindo três chamadas de capa. “Enchente castiga o Vale”, matéria de capa, foca o trabalho de remoção das 1,2 mil famílias atingidas. “Encantado é o município mais atingido, com 450 famílias” informa que é município é o mais atingido do Estado. “Cheia foi a segunda maior do século Rio Taquari chegou a 26,85m” ressalta o nível do rio. Na capa há ainda uma chamada informando “Leitores registram flagrantes da inundação”, que remete para a cobertura entre as páginas 11 e 20.

Na página 11 “Mais de 1,2 mil famílias desabrigadas no Vale” ressalta que foi a segunda maior cheia deste século e que Encantado e Lajeado decretaram situação de emergência. As informações repetem o que a capa já anunciara, além de relatar o número de atingidos em diferentes



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

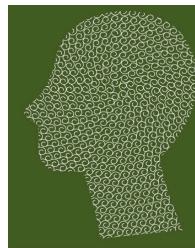
municípios e previsões meteorológicas. “Água invadiu rodovias” trata das rodovias da região atingidas e medidas de desobstrução para transporte dos moradores. Em um box é informado o número de moradores atingidos em 10 municípios da região. Outro quadro informa sobre a elevação do nível do rio de 2001 a 2011. “Fornecimento de energia” foca a interrupção da energia para evitar riscos em municípios afetados pelas cheias.

Na página 12 “Encantado Cidade mais atingida” informa que o município decretou situação de emergência, com 1,7 mil desabrigados ou 450 famílias. O relato inicia com o ponto de vista do repórter sobre a situação, traz relatório do Executivo sobre atingidos, providências e a história de um morador. Finaliza a matéria referindo-se ao leitor, estimulando-o a doar materiais ou dinheiro e indicando como proceder. “Rio Taquari desabriga 200 famílias em Muçum” foca o relato do Executivo sobre a situação: desabrigados, bairros atingidos, nível do rio, problemas de trânsito, remoção de atingidos, desmoronamentos, comércio fechado, limpeza das ruas, etc.

Na página 14 “Arroio do Meio 300 famílias desabrigadas Cidade foi a segunda mais atingida” inicia com o relato da Defesa Civil sobre desabrigados, municípios mais atingidos e problemas de trânsito. Informa sobre o trabalho de um voluntário e traz o relato de uma moradora atingida. A partir do relato geral das cidades mais atingidas, o veículo cria box para cada um dos municípios com informações semelhantes, os quais se estendem pelas páginas 14, 18, 19 e 20. Estas páginas têm como cartola “A cheia pelo Vale” e referem-se a um relatório geral da situação feita principalmente pelo Executivo com informações sobre nível do rio, desabrigados, remoção de famílias, pontos afetados. Além disso, alguns incluem outros elementos: situação do comércio, prejuízos, medidas tomadas, situação das estradas e dos rios, comparações com enchentes anteriores e algum fato curioso ou relado de moradores. Cada box tem como título o nome do município: Roca Sales, Estrela, Bom Retiro do Sul, Colinas, Cruzeiro do Sul, Marques de Souza, Imigrante, Forquetinha, Taquari, Lajeado.

d) A Hora dos Vales

Este veículo destina 3 páginas pra cobertura das enchentes (4, 5 e 6) intituladas Reportagem Especial. A primeira matéria “Calamidade” informa sobre o número de famílias desabrigadas na



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

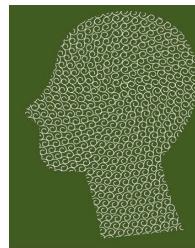
região, os municípios mais atingidos o nível do rio, a falta de água e luz em algumas casas. Ao lado um box informa os níveis que o rio Taquari chegou desde 1940.

Na página 5 a matéria “Encantado com 450 famílias desabrigadas” dá início ao aprofundamento da situação de alguns municípios. Este tem destaque na cobertura por ser o mais atingido. A matéria informa o número de bairros e pessoas atingidas, com avaliação da Defesa Civil e relato de moradores comparando o comportamento das águas com acontecimentos semelhantes anteriores. Também as dificuldades dos moradores para retirar pertences, conseguir transporte, seus prejuízos financeiros e a recorrência da situação são tratados na matéria. A segunda matéria desta página “Inundação divide Roca Sales” relata o trabalho de voluntários da comunidade para ajudar moradores e vizinhos. Não explica o que gera o título (inundação do quê), mas por suposição deve ser o rio Taquari que inundou ruas dividindo a cidade.

Na página 6 “O drama dos flagelados” aborda a situação de cinco moradores afetados pela enchente, seus prejuízos econômicos, planos para o retorno, a sorte de não haver vítimas, a fé, as estratégias que usam pra enfrentar o “drama” e, principalmente, a recorrência do acontecimento na vida deles. “Perdas na agricultura” relata a situação de produtores de Cruzeiro do Sul com a explicação de um engenheiro agrônomo. “Medo em Forquetinha” foca o relato de uma moradora que compara a enchente de 2011 com outra da década anterior.

Comparando-se as descrições, observa-se que o Zero Hora usa três páginas para o que intitula Reportagem Especial, dividida em cinco abordagens que, apesar de salientar o drama nas manchetes, os relatos objetivam discursivamente a situação nas diferentes regiões do Estado. O Correio do Povo destina oito páginas pra cobertura, que fragmenta-se em 28 abordagens (17 matérias informativas e 11 notas) distribuídas em três editorias, nas quais se detalha a situação nas diferentes regiões do Estado. No Informativo do Vale denomina a cobertura de Especial e destina sete páginas, nas quais são feitas 17 abordagens sobre o acontecimento das enchentes, com informações objetivas baseadas principalmente no relato do Executivo, da Defesa Civil e de moradores. Já no A Hora cinco abordagens inseridas em Reportagem Especial focam o drama dos flagelados a partir do caso dos municípios mais atingidos.

O Zero Hora e o Correio do Povo focam diferentes municípios do estado que foram atingidos, o primeiro a partir de infográficos e outro a partir de relatos e fotos. O Informativo do Vale e o A



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Hora trazem informações dos municípios da região, ignorando dados sobre outras regiões do Estado.

Zero Hora e A Hora optaram por uma cobertura mais enxuta, enquanto Correio do Povo e O Informativo usaram mais que o dobro de espaço, o que indica que não há um padrão regional ou estadual na cobertura.

4. Análise comparativa dos elementos da notícia

a) Manchetes

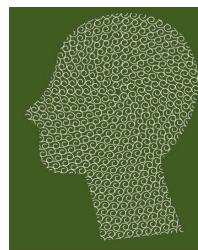
O Zero Hora foca o drama, seu possível agravamento, morte, estrago, bloqueio de vias. Enfim, o drama se alastra, a água deixa rastros e a situação tende a se agravar. As manchetes exploram o efeito estético de uma tragédia. O foco é urbano. Já o Correio do Povo ressalta a invasão das águas, os rios que sobem, a preparação para as cheias, alertas, situação das rodovias e da área urbana, previsão do tempo, riscos. Famílias em perigo ou desabrigadas, desalojadas, atingidas por deslizamento e o caso de uma morte é contado mesclando-se com situações de emergência, ações, falta de luz. Comparam-se acontecimentos semelhantes e, apesar de abordar também reflexos para a produção rural, o foco é urbano.

Em O Informativo do Vale a síntese da situação expressa pelas manchetes informam que a enchente castiga. O castigo é uma expressão usada também em uma legenda. As outras manchetes ressaltam a comparação com enchentes anteriores buscando identificar a maior de todas. Também se salientam nas manchetes a invasão das rodovias pelas águas e o corte no fornecimento de energia, situação de famílias desabrigadas e a situação de cada município atingido. O A Hora ressalta o medo, o drama, a calamidade, a inundação, os desabrigados e os municípios atingidos.

No seu conjunto, as manchetes dos quatro jornais ressaltam os sentidos do drama e do medo frente ao risco frente ao acontecimento. O Informativo salienta-se por ressaltar também o sentido do castigo.

b) Imagens e legendas

Enquanto o Zero Hora explora os infográficos em uma cobertura mais sintética da situação no Estado devido às possibilidades oferecidas por estes recursos, o Correio do Povo fragmenta a



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

cobertura em um número maior de páginas e imagens, principalmente de pessoas e da situação de casas e ruas. Já os jornais regionais a diferença que se observa é que a abordagem de O Informativo explora a estética do acontecimento, com fotos mais produzidas, e uma maior diversidade de situações fotografadas. O A Hora do Vale é mais econômico no uso de imagens. Apenas o Correio do Povo e o Informativo do Vale focam também situações na área rural entre as imagens publicadas. Em comum, todos os veículos constroem o acontecimento da enchente a partir de composições fotográficas que incluem barcos por ruas alagadas com pessoas sendo transportadas ou olhando a cena de destruição e alagamento de casas e prédios, tendo, eventualmente, a imagem de algum animal entre os moradores.

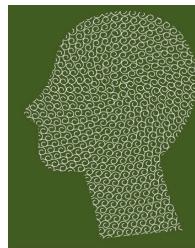
Quanto às legendas, observa-se que na Zero Hora e no A Hora, um estadual e outro regional, a tendência é publicar informações que complementam a imagem fotografada. O Correio do Povo repete a informação da imagem e também complementa com dados sobre o local da cena, bairros atingidos e moradores desabrigados. Já o Informativo do Vale tende a repetir a informação expressa nas imagens.

c) Fontes

Os moradores são o único tipo de fonte que aparece em todos os veículos analisados. A Brigada Militar é fonte em dois veículos: Zero Hora e Correio do Povo, dois estaduais. A Polícia Rodoviária Federal e meteorologistas aparecem nos dois jornais estaduais e no O Informativo do Vale, regional. Fontes do Executivo só não estão explicitadas no regional A Hora, o qual faz toda a cobertura do acontecimento informando como fontes apenas a Defesa Civil e moradores. Além das fontes já citadas, o Correio do Povo entrevista ainda um gerente de usina hidrelétrica, bombeiros e fonte do departamento de esgotos pluviais. O Informativo do Vale se utiliza também de empresas de energia como fonte, além de voluntários que auxiliam as vítimas e outros veículos de informação.

Assim, o Correio do Povo apresentou a maior diversidade de fontes, enquanto o A Hora usou o menor número de fontes. Correio do Povo e Informativo do Vale se igualam no uso de fontes, assemelhando-se com a pluralidade dos relatos dadas pelo Zero Hora.

d) Enquadramento



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

O Zero Hora foca a situação dos municípios mais atingidos (flagelados, nível do rio, situações vividas, previsão do tempo, situação das estradas). As manchetes salientam o drama, mas os casos dramáticos apenas ilustram a situação, não estão em primeiro plano nos relatos dos repórteres. O enquadramento é feito a partir do drama comedido. Já o Correio do Povo relata situações em diferentes municípios do Estado em matérias que se complementam, referindo-se às regiões mais atingidas. Ocasionalmente um município recebe maior destaque por alguma situação: morte, área de risco, elevação rápida do rio. A cobertura caracteriza-se como fragmentada e inclusiva.

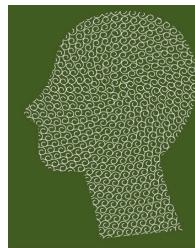
O Informativo do Vale mostra a situação geral dos municípios atingidos da região tendo como fonte o Executivo e alguns moradores, sem foco dramático, mas objetivo da situação. No A Hora retrata-se basicamente o drama dos moradores.

5. Pistas de inclusão do receptor

Podem-se observar marcas da inclusão do receptor na notícia em algumas passagens das coberturas analisadas. No Zero Hora entende-se que o receptor está inserido na informação sobre a situação das estradas afetadas. No Correio do Povo ele é contemplado quando informam a previsão do tempo e sobre locais mais afetados das estradas.

O Informativo do Vale inclui o receptor na cobertura já na chamada de capa quando informa que muitas fotografias foram enviadas por leitores, ressaltando essa interatividade. O leitor também é incluído no acontecimento na matéria que aponta como ajudar os desabrigados, o que acontece apenas quando trata sobre Encantado, o município mais atingido. Quando entrevistam um voluntário, indiretamente, incluem o receptor como alguém que pode ter a mesma iniciativa. O receptor também é contemplado nos relatos quando informam sobre a situação das estradas. No A Hora é incluído quando abordam a situação do trânsito nos municípios e o trabalho de voluntários.

Quando observa-se que os moradores são o único tipo de fonte que se repete em todos os veículos, entende-se que também aí há uma marca de inclusão do receptor, já que pode-se trabalhar com a hipótese que há um movimento maior pela busca por informações midiáticas por quem sofre com a enchente neste momento do que em situações não dramáticas. Trata-se, no entanto, de uma inclusão forçada pela própria natureza do acontecimento. Como relatar o drama dos moradores sem dar-lhes voz?



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

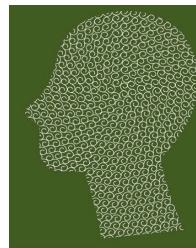
29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

A partir da análise geral dos enquadramentos da enchente feito pelos jornais analisados, pode-se afirmar também que o receptor é construído simbolicamente pelos veículos como alguém que para o Zero Hora se interessa pelo drama (o que as manchetes exploram), mas busca informações objetivas e de acesso rápido, daí o uso de infográficos). O Correio do Povo projeta um receptor que busca relatos detalhadas das situações nas diferentes regiões do Estado, com imagens. Para o Informativo do Vale a situação geral dos municípios ofertada a partir de fontes oficiais e moradores que vivem a situação retratada é o que interessa ao receptor. Neste sentido, observa-se proximidade entre as gramáticas de produção do Correio do Povo e do Informativo, cada um abordando sua área de abrangência: um o estado e o outro a região. O A Hora constrói suas estórias explorando o drama dos moradores com dados imprecisos e incompletos, demonstrando pouca preocupação com o receptor. Deste modo, pode-se afirmar que há um grupo que busca um relato objetivo e outro que explora o drama. Um grupo que busca a precisão dos dados e outro que trabalha a informação de modo fragmentado.

Outro modo de perceber como o receptor é construído pode-se buscar analisando a proximidade dos relatos com o lugar geográfico que o leitor ocupa, pressupondo que ele não buscara no veículo da sua cidade, região ou estado informações sobre outros contextos além de onde habita.

Portanto, os resultados apontam seis situações de inclusão do receptor, identificadas na análise que foi composta pela caracterização do espaço ocupado, manchetes, uso de fotos e legenda, análise de fontes e de enquadramentos:

a) Uma marca de inclusão do receptor se identifica quando os moradores e possíveis leitores dos veículos são incluídos como fonte a partir dos relatos dos dramas vivenciados, o que não se observa na cobertura de outros tipos de acontecimentos, que tendem a privilegiar as fontes oficiais. Amaral (2011, texto digital) analisou os discursos dos testemunhos e de experts dos deslizamentos de terra ocorridos na região serrana do Rio de Janeiro em 2011, tomando como base a cobertura em revistas semanais. Amaral (2011, texto digital) afirma que os testemunhos são fontes irregulares, informais, desorganizadas e raramente integram a agenda de fontes do jornalista, já que não é reconhecido pelo jornalista como uma fonte legítima por não ter um conhecimento instituído, mas tem valor de fonte pela experiência que pode relatar e, assim, acabam exercendo a função de



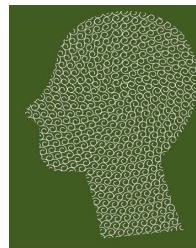
II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

pluralizar a informação jornalística, diminuindo o peso da fala oficial e hegemônica. Para o autor, os testemunhos não são chamados a contextualizar, explicar, avaliar ou propor sobre o tema noticiado. Segundo o autor, a eles também são interditadas possibilidades como de revolta, resistência e oposição. Estas tarefas cabem aos experts. Aos testemunhos cabe ilustrar, dramatizar e dar veracidade à notícia construída pelo jornalista, respondendo o quê, quem, quando e onde as coisas aconteceram. Já os experts respondem como e o porquê dos acontecimentos.

b) Há inclusão do receptor quando se percebe a preocupação em buscar diversificar as fontes na cobertura dos eventos, como as enchentes, o que só não ocorreu em um dos jornais. Barros (2012, texto digital) afirma que o discurso da imprensa sobre ambiente reporta-se a concepções de atores sociais diversos e destaca aspectos diferentes, sendo um discurso condicionado por múltiplos fatores, o que caracteriza um “cenário político multinucleado”. Para este autor, “A diversificação dos atores sociais está diretamente relacionada com a complexificação do ambientalismo, numa perspectiva agregadora, apesar das incompatibilidades existentes, das disputas de interesses e por visibilidade”. Para Bueno (2007, texto digital) “As fontes do jornalismo ambiental devem ser todos nós e a sua missão será sempre compatibilizar visões, experiências e conhecimentos que possam contribuir para a relação sadia e duradoura entre o homem (e suas realizações) e o meio ambiente.”

c) O receptor é inserido no contexto do acontecimento quando há informação sobre a situação das estradas e da previsão do tempo. No caso de acontecimentos que impõem risco à vida (tragédias, enchentes, terremotos, etc.) o jornalismo preocupado com o cidadão oferta informações que objetivam evitar ou minimizar os desastres. Segundo Santos (2012, texto digital), “a comunicação é uma das ferramentas mais importantes na redução dos riscos”. Durante e após o acontecimento, esta postura do campo jornalístico evita uma cobertura dramática e repetitiva, esvaziada de interesse público, mesmo que os índices apontem que haja interesse do público sobre



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

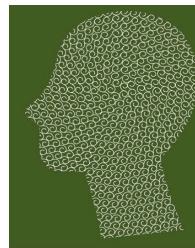
29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

este tipo de relato. Santos⁴ ressalta que a informação de qualidade possibilita processos de autogovernabilidade. A autora lembra que a organização e a mobilização comunitárias foram definitivas na diferença do modo de enfrentamento de desastres entre o caso do terremoto seguido de tsunami no Japão em março de 2011 e os desmoronamentos da região serrana do Rio de Janeiro em janeiro do mesmo ano.

d) Novamente identificou-se a marca de inclusão do receptor quando há publicação de fotografias dos leitores sobre os flagrantes que registraram. As distintas formas de inserção do leitor nas reportagens mostram uma tendência do campo jornalístico, com o receptor assumindo um papel mais ativo na construção comunicacional, sobretudo com o advento das novas tecnologias. Se antes o percurso da comunicação de massa seguia um sentido unilateral, hoje os fluxos comunicacionais apresentam maior dinamicidade. Esse processo sociossemiótico de produção ganha maior relevância ao abordar uma tragédia que atinge, direta ou indiretamente, todas esferas da sociedade. O desafio, portanto, é ir além da informação, mobilizando e fomentando o debate para que a história não se repita. Manifestar estes usos de imagens de leitores ajuda a incorporar capital simbólico ao veículo.

e) O receptor é incluído também com a oferta de dados sobre o modo como o leitor pode auxiliar os atingidos pelas enchentes, em matérias que abordam o papel dos voluntários no salvamento das vítimas, ou como alguém que é afetado pelo cancelamento de alguns serviços. Este tipo de informação pode desencadear ações dos cidadãos. Para Caldas et al. (2006) o papel da mídia é “fundamental na construção do imaginário popular. As informações veiculadas pela imprensa, associadas aos interesses específicos de diferentes grupos, exercem um poder real para mudanças no curso da própria história, uma vez que ‘alimenta’ a mobilização pública ou os representantes dos diferentes poderes para legitimar atos ou ações, daí sua imensa responsabilidade social”.

4 A autora baseia-se em Margarita Villalobos Mora, Bill Kovach e Tom Rosenstiel, e em documentos como o Manual de Planejamento da Defesa Civil e o Projeto Promoção da Cultura de Risco e Desastre – PCRD, produzidos pelo Ministério da Integração Nacional e Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC.



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

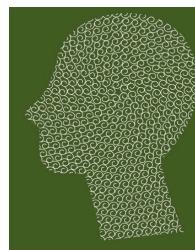
29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

f) O enquadramento dramático observado nas manchetes aponta para um receptor imaginado, portanto incluído na cobertura, que se interessa por este tipo de relato. Quando os jornais fizeram uso desta estratégia identifica-se uma das cinco síndromes do jornalismo ambiental, conforme apontada por Bueno (2007, texto digital): o da baleia encalhada, relativa à espetacularização das tragédias ambientais, com a procura do inusitado, do sensacional; com a perspectiva acrítica que contempla as tragédias, por exemplo, como fatos isolados, sem causas e consequências. Esta síndrome tem a marca de uma cobertura estática, sem investigação, sem provocar o debate sobre temas públicos.

g) Os locais e o aprofundamento dado ao relato dos acontecimentos também indicam uma maior ou menor preocupação com o receptor. Esta abordagem refere-se ao critério de noticiabilidade proximidade incorporado pelos jornais estaduais de forma a atender a necessidade de informação do receptor sobre outros municípios do Estado, o que não aconteceu com os veículos regionais, que informaram sobre a realidade próxima local, sem a contextualização do acontecimento. A cobertura informativa, em detrimento da interpretação e da investigação, que incorporam a problematização das múltiplas dimensões das questões ambientais, é uma conclusão recorrente na diversidade de estudos sobre jornalismo ambiental apresentados em congressos da Intercom de 2002 a 2012 e em artigos publicados em revistas com qualis A1, A2 e B1 das Ciências Sociais Aplicadas.

h) O uso de infográficos localizando a situação de diferentes municípios do Estado, assim como o uso de negrito para identificar os municípios mais atingidos, o que se observou em um veículo, também aponta para um serviço ao receptor da informação, que visa facilitar sua leitura.

Por fim, em relação à inclusão do receptor, concordamos com Viegas (2004, texto digital) quando levanta a hipótese que enquanto a mídia não incluir o receptor como parte do problema ambiental que trata não possibilita a governança ambiental, porque ele não se percebe como



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

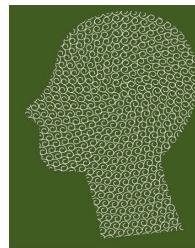
corresponsável, não sente que as questões ambientais referem-se a um processo de responsabilidade compartilhada. Para o autor, por governança ambiental entende-se o “conceito segundo o qual a mobilização por mudanças visando a melhorias ambientais depende muito mais das respostas da sociedade do que unicamente das ações do governo por si mesmas [...] relacionado a uma conduta pessoal, cotidiana, ou que tenha um efeito sobre a história e a trajetória individual”. Para Viegas (2004, texto digital) a cobertura que não inclui o receptor desta forma deixa-o sentindo-se impotente, mero expectador, sem poder de decisão, sentindo-se fora do quadro em que o problema foi enquadrado pela mídia, não ajudando a elaborar um “como agir”.

6. Considerações finais

Apesar da identificação de alguns elementos de inclusão do receptor nas ofertas de notícias sobre as enchentes que assolaram o Rio Grande do Sul em 22 de julho de 2011, a análise da cobertura nos diários estaduais, Zero Hora e Correio do Povo, e em dois jornais que circulam na região do Vale do Taquari, O Informativo do Vale e A Hora do Vale, apontam que elas foram pontuais e superficiais. Há pistas de inclusão do receptor deixadas intuitivamente na cobertura das enchentes, não se observando, entretanto, indicativos de um processo de governança ambiental a partir do campo jornalístico. Isto porque o receptor é mais expectador que ator diante da tragédia noticiada, já que de modo geral não há uma cobertura do acontecimento para além do episódio das cheias, as quais são decorrentes de problemas históricos, sociais, políticos, éticos e econômicos, dimensões não contextualizadas nas produções jornalísticas analisadas.

Referências

AMARAL, Márcia Franz. **Os testemunhos na cobertura das catástrofes ambientais.** In: XX encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS – 14 a 17 de junho de 2011. Anais... Disponível em: <<http://www.compos.org.br/pagina.php?menu=8&mmenu=0&fcodigo=1678>>. Acesso em: 15.abril.2013.



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

BARROS, Antônio Teixeira de. Estudos de jornalismo e ambiente: panorama comparativo Brasil-Portugal. **Revista Contracampo**, v. 24, n. 1, ed. Julho, p. 140-158. Disponível em: <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/184>>. Acesso em: 15.abril.2013.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 15, p. 33-44, jan/jun. 2007. Disponível em: <<http://cbjario2011.com.br/1016/jornalismo-ambiental-explorando-alem-do-conceito.html>>. Acesso em: 15.abril.2013.

CALDAS, Graça; BEZZON, Lara Andréa Crivelaro; MIOTTO, Luciana Bernardo; OLIVEIRA, Maria José da Costa; CAMARGO, Vera Regina Toledo. Água, Mídia e Poder: a Construção do Imaginário Popular nos Jornais da RMC. In: XXIX Congresso Brasileiro da Comunicação, UnB – 6 a 9 de setembro de 2006. **Anais...** Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=44649>>. Acesso em: 15.abril.2013.

ESTEVES, João Pissarra. **A ética da comunicação e os media modernos**: legitimidade e poder nas sociedades complexas. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa: 2003. 2. ed.

_____. **Espaço público e democracia**: comunicação, processo de sentido e identidade social. São Leopoldo: Ed Unisinos, 2003. (b)

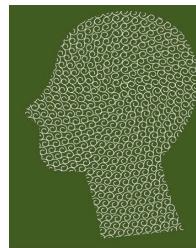
HALL, Stuart etc. A produção social das notícias: o mugging nos media. p. 224-248. In: TRAQUINA, Nelson. (org) **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Veja, 1999.

MAZZARINO, Jane M. FLÓRES, Vinicius dos Santos. Ofertas, marcas e a construção de vínculos com o receptor na produção jornalística sobre recursos hídricos. ALAIC, 2012. Congreso Latinoamericano de Investigadores em Comunicación. GT Estudios sobre Periodismo. **Anais...** Montevideo: maio, 2012. Disponível em http://alaic2012.comunicacion.edu.uy/sites/default/files/ofertas_markas_e_a_construcao_de_vinculos_com_o_receptor_na_producao_jornalistica_sobre_recursos_hidricos_jane_mazzarini_vinicius_dos_santos_flores_0.pdf Acesso em 13 ago. 2012.

RODRIGUES, A. **Comunicação e cultura**. Lisboa: Presença, 1994.

SANTOS, Juliana Frandalozo Alves dos. A importância do jornalismo de qualidade da redução de riscos e desastres. **Razón y Palabra**, n. 79, may/jul. 2012. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/N/N79/M79/11_Frandalozo_M79.pdf>. Acesso em: 15.abril.2013.

TRAQUINA, Nelson. **O poder do jornalismo**: análise e textos da teoria do agendamento. Livraria Minerva Editora, Coimbra, 2000.



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2004.

VIEGAS, Cláudia. Mudança climática fora do cotidiano: análise da cobertura de dois jornais num panorama de fragilidade da governança ambiental. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Porto Alegre/RS – 30 de agosto a 3 de setembro de 2004. **Anais...** Disponível em <www.portcom.intercom.org.br>. Acesso em: 15.abril.2013.